



Tanques de Israel na Faixa de Gaza: nova etapa de mais uma guerra contra os palestinos

☉ mica por trás e o destinatário do documento que viabilizou os sonhos dos sionistas: a Declaração de Balfour, enviada a ele pelo então Ministro das Relações Exteriores do Reino Unido, Arthur James Balfour.

“O governo de Sua Majestade vê com bons olhos o estabelecimento na Palestina de um lar nacional para o povo judeu, e fará o melhor possível para facilitar a realização deste objetivo, entendendo-se claramente que nada será feito que possa prejudicar os direitos civis e religiosos das comunidades não judaicas na Palestina, ou os direitos e status político desfrutados pelos judeus em qualquer outro país.”

Com a Declaração de Balfour, o Império Britânico, o mais poderoso do mundo, se comprometeu formal e publicamente com a causa sionista. Foi o mais decisivo impulso recebido pelo sionismo na sua história de 20 anos, desde o primeiro Congresso Sionista, realizado em 1897, na Basileia.

**“O sionismo, seja certo ou errado, bom ou ruim, está enraizado em tradições de longa idade, em necessidades presentes, em esperanças futuras, de importância muito mais profunda do que os desejos e preconceitos dos 700 mil árabes que agora habitam essa terra antiga”**

Lord Balfour

Com o apoio declarado do Império Britânico, nenhuma força seria capaz de deter os

planos dos sionistas. Os judeus teriam uma pátria – e em boa hora.

#### A ERA DE OURO DO JUDAÍSMO CHEGA AO FIM NA EUROPA

Os primeiros anos do século 20 mostravam que a chamada Era de Ouro dos judeus na Europa tinha começado a ruir.

Em todos os lugares, no começo do século 20, o antisemitismo crescia em virulência. Era o fim de uma era.

Com Moses Mendelssohn, Sigmund Freud, Gustav Mahler, Franz Kafka, Albert Einstein e Benjamin Disraeli, os judeus ajudaram a moldar a Europa e o mundo modernos, revolucionando a filosofia, criando a psicanálise, a orquestração, o romance, a ciência e a política.

Claramente naquele começo de século, as tensões locais mostravam que a era de glória dos judeus europeus estava não só acabando, mas sendo revista com amargura, inveja e ódio por uma nova classe de políticos, os populistas totalitários.

“Os judeus europeus começaram a perceber nos olhos da Europa um brilho esquisito, patológico. O continente estava na iminência da insanidade totalitária. Muitos entenderam que o mais certo era sair correndo de lá”, diz Ari Shavit, autor de *My Promised Land – The Triumph and Tragedy of Israel*.

O ovo da serpente que se chocava nutria-se, especialmente na Alemanha, da então nascente falsa ciência da raça e sua aplicação prática, a eugenia, que prescrevia a eliminação física de deficientes físicos e mentais com ampla política de esterilização de mulheres que pudessem vir a dar a luz a filhos com problemas

hereditários. Mais tarde, sob o nazismo, a tara da eugenia se voltou para as “raças inferiores” – judeus, ciganos e quase todos os povos eslavos.

Antes da eugenia, em muitos casos, bastava que um judeu abjurasse de sua fé e adotasse os hábitos dos países onde vivia, para ter chance de ser aceito nas sociedades locais. Quando a eugenia tornou-se a noção predominante, o foco do mal que os nazistas viam nos judeus transferiu-se da fé e dos hábitos para os genes. Genes não podiam nem ser negados nem cancelados – só exterminados. Essa constatação evoluiu em insanidade e intensidade até à “Solução Final” nos campos de extermínio.

O jornalista e escritor austriaco-húngaro, considerado o pai do moderno sionismo político, Theodor Herzl, viu na virada da maré contra os judeus europeus a oportunidade de realizar seu sonho. Escreveu ele no famoso texto fundacional do sionismo, *O Estado Judeu*, de 1896:

**“As nações em cujos meios os judeus vivem são constantemente abaladas por manifestações violentas de antisemitismo. Os governos dessas nações vão estar fortemente interessados em nos ajudar a obter a pátria soberana que nós queremos”**

Theodor Herzl

O Movimento Sionista e sua utópica pátria soberana judaica fora da Europa passaram a ser vistos como uma opção viável para milhares de judeus europeus perseguidos.

A Palestina, de onde os judeus foram expulsos pelos romanos havia quase 2 mil anos, se firmou no imaginário dos judeus europeus como a moderna Terra Prometida.

#### “JESUS NAZARENO, REI DOS JUDEUS”

Antes de optar pela Palestina, o movimento sionista cogitou Uganda e Argentina como países que poderiam abrigar em seu território uma pátria soberana dos judeus. A Argentina, por ser um país de imigrantes. Uganda, pelo preço baixo das terras.

A Palestina foi escolhida pelo empuxo histórico-religioso de ter sido por milhares de anos a terra ancestral dos judeus até o ano 70 d.C., quando o imperador romano Tito conquistou Jerusalém, destruiu o Segundo Templo e expulsou os judeus, dando início à Diáspora Judaica, o espalhamento dos judeus pelo mundo.

Pouco mais de 60 anos mais tarde, em 131 d.C., outro impe-

rador romano, Adriano, abafou uma revolta popular dos judeus remanescentes na região. Para puni-los ainda mais, o imperador mudou o nome da região de Judeia para “Aelia Capitolina”, em homenagem a Júpiter Capitolino – o deus maior do panteão religioso dos romanos.

**“O Senhor vos espalhará entre todos os povos, desde uma extremidade da terra até a outra...”**

Deuteronômio 28, 64

E assim foi.

No século 4 dC, quando Santo Ambrósio, arcebispo de Mediolano, hoje Milão, ameaçando com o fogo eterno, convenceu os decadentes imperadores romanos do mau negócio que fariam se não aceitassem a primazia do cristianismo, deu-se uma onda de rejeição aos judeus. Ambrósio conseguiu do imperador Teodósio a revogação da punição a cristãos que haviam queimado uma sinagoga.

“Que mal real houve, afinal de contas, ao destruir uma sinagoga, uma ‘casa de perfídia’, uma casa de ímpios, na qual Cristo é diariamente blasfemado?”, disse Santo Ambrósio. Nasceu no tempo de Ambrósio o resistente mito de Ahasverus, o Judeu Errante, imortal, mas condenado a vagar pelo mundo em eterna fuga.

O poeta Castro Alves comprou o gênio a Ahasverus:

“O Gênio é como Ahasverus... solitário/ A marchar, a marchar no itinerário/Sem termo do existir./ Invejado! a invejar os invejosos. Vendo a sombra dos álamos frondosos.../ E sempre a caminhar... sempre a seguir.../ Pede u’a mão de amigo – dão-lhe palmas:/ Pede um beijo de amor – e as outras almas/ Fogem pasmas de si/ E o mísero de glória em glória corre.../ Mas quando a terra diz: – “Ele não morre”/ Responde o desgraçado: – “Eu não vivi!””

Diz-se em tom de brincadeira entre os judeus, que eles perderam Jesus Cristo por uma falha de Relações Públicas. Jesus era um judeu da Palestina – fato que o cristianismo sempre fez questão de esconder.

#### JUDEUS E ÁRABES TINHAM PASSAPORTE PALESTINO



Winston Churchill faz discurso na Palestina em março de 1921

Os judeus só voltariam em massa à Palestina, em ondas migratórias sucessivas, a partir do sinal verde dado pelos donos do mundo daquele tempo, o Império Britânico. Não se sentiam invasores da terra de outros povos.

“Em abril de 1897, quando Theodore Herzl criou oficialmente o Movimento Sionista, não havia um povo palestino. Existiam na Palestina duas dezenas de cidades e quase uma centena de vilarejos ocupados por meio milhão de árabes, beduínos e drusos. A favor dos pioneiros do sionismo devemos reconhecer que não seria difícil, de boa fé, considerar aquela região uma terra de ninguém. Mais tarde, sob o Mandato Britânico, os palestinos não tinham autonomia, como os judeus. Éramos todos súditos de sua majestade em Londres”, coloca Ari Shavit.

Havia uma crença no progresso, nas novas tecnologias agrícolas e nas instituições políticas europeias. Essas maravilhas seriam levadas pelos judeus para a região, em benefício de todos.

Quando Winston Churchill visitou a Palestina em 30 de março de 1921, disse a uma delegação árabe que seria manifestamente correto que os judeus dispersos tivessem um país na Palestina, “região com a qual por 3 mil anos eles foram intimamente e profundamente associados”:

**“Achamos que será bom para o mundo, bom para os judeus, bom para o Império Britânico, mas também bom para os árabes que vão certamente compartilhar os benefícios e o progresso do sionismo”**

Winston Churchill

Em 22 de julho de 1922, a Liga das Nações aprovou formalmente o Mandato da Palestina, orientando o Reino Unido a colocar em vigor a política definida pela Declaração Balfour a oeste do rio Jordão.

A razão de existir do Mandato Britânico foi, expressamente, viabilizar a criação de um Estado Judeu na Palestina. Mas a realidade não era tão simples.

Distante de Londres, altos funcionários, diplomatas e generais britânicos tinham outras prioridades: com o fim da 1.ª Guerra e a derrota dos turcos, aliados dos alemães, eles tinham herdado os destroços do Império Otomano e precisavam desenhar fronteiras, criar países, regras de convivência – em fim administrar uma região habitada por povos que eles mal conheciam e cuja cultura, em grande parte, desprezavam. A causa sionista era, na prática, uma ameaça para os ingleses na Palestina. Muitos dos altos funcionários britânicos desenvolveram maior simpatia pelos árabes. ☉